Gênero e resistências: três narrativas

Abaixo, encontram-se três importantes narrativas de resistência apresentadas em março de 2019 no evento de lançamento do livro *Gênero e Resistência* (2019), segundo livro organizado pelo *Instituto Política Por.De.Para Mulheres*.

O Grupo Política Por.De.Para Mulheres iniciou suas atividades em 2015 como um grupo acadêmico de pesquisas, criado pela professora Eneida Desiree Salgado, e vinculado à Universidade Federal do Paraná (UFPR) e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Da ampliação gradual do Grupo e incorporção de novas membras e demandas, criou-se o Instituto Política Por.De.Para Mulheres, associação civil autônoma atualmente presidida por Ana Cristina Aguilar Viana. O Instituto Política Por.De.Para Mulheres é voltado à promoção de formação política de mulheres para mulheres através de oficinas, cursos de formação e encontros de pesquisa. Até 2019, foram realizados dois cursos gratuitos de formação política, uma escola gratuita de verão e três Encontros de Pesquisa Por.De.Sobre Mulheres, cujos trabalhos apresentados originaram a publicação de dois livros[1].

O presente texto é a transcrição de três falas proferidas no evento de lançamento do segundo livro do Instituto Política Por.De.Para Mulheres. O evento foi realizado em 11 de março de 2019, no Teatro da Reitoria da UFPR, e teve como convidadas especiais Diva Guimarães

[1] Em 2018, foi publicado o Mulheres por Mulheres: memórias do Primeiro Encontro de Pesquisa Por.De.Para Mulheres. E, em 2019, o livro Gênero e Resistência: memórias do Segundo Encontro de Pesquisa Por.De.Para Mulheres. Ambos livros foram publicados pela Editora Fi e podem ser acessados pelos seguintes links: <https://www.editorafi.org/524resistencia>,<https://www.editorafi.org/265mulheres?fbclid=IwAR2e_agqWO6DbjiABbSmoIFgW7JjCFR57eIzaNhcpMtg1TcobaLd75ShIXw>.

Alves e Manuela D'Ávila. Ambas participaram da mesa-redonda sobre gênero e resistência mediada por Ana Cristina Aguilar Vieira.

Assim, a Sociologias Plurais tem o prazer de publicar, a seguir, a fala de abertura de Eneida Desiree Salgado ao evento, bem como as respostas de Diva Guimarães e Manuela D'Ávilla à pergunta "como vocês resistem?" formulada por Ana Cristina Aguilar Vieira ao início da mesa-redonda.

I – Política Por.De.Para Mulheres

Eneida Desiree Salgado:[2] *"Recria tua vida sempre, sempre. Remove pedras e planta roseira e faz doces. Recomeça". Foi com Cora Coralina que comecei dois mil e quinze. Não foi um ano fácil para quem pesquisa representação política, para quem fala de democracia, para quem estuda direito eleitoral, [para quem] via o número de mulheres nas Casas Parlamentares e via o que estava acontecendo com a violência política em face da Presidenta. Era preciso que eu saísse daquela torre de marfim da academia e começasse a fazer a mudança, não apenas reclamar a mudança. Então, em dois mil e quinze, criamos o Grupo Política Por.De.Para Mulheres.*

Primeiramente, um grupo acadêmico, de pesquisa, que tinha, desde logo, três frentes: um observatório, um laboratório e uma oficina. No observatório, nós queríamos saber quem eram as mulheres que ocupavam, com coragem, com dinamismo, com uma força que lhes fazia extraordinárias, um espaço na política. Queríamos também saber quais eram os discursos dessas mulheres, o que elas defendiam, verificar se ter mulheres na política significava ter pautas femininas dentro da arena política.

Fazíamos, também, um estudo de laboratório de políticas públicas, analisando como os outros países, que tinham melhores índices do que a gente, e eram praticamente todos os outros – aliás, por enquanto, na América, salvo engano, a gente só perde mesmo pra Belize... - como esses países tinham conseguido uma arena política mais democrática, mais paritária. Nesse laboratório, nós também estudamos por que a lei de

[2] É professora do curso de Direito da Universidade Federal do Paraná, lidera o Núcleo de Investigações Constitucionais da Universidade Federal do Paraná e coordena o Política Por.De.Para Mulheres.

cotas, aquela política pública insincera de colocação da mulher nos parlamentos, não tinha funcionado: vinte anos de política pública e uma participação feminina ainda muito pequena nas casas parlamentares. Sem mulheres nas casas parlamentares, não temos uma legislação que represente as nossas necessidades. Não que todas as mulheres vão pensar igualmente ao que nós pensamos, mas só o fato de mulheres estarem lá já faz uma diferença danada pro horizonte de possibilidades das nossas meninas, das nossas futuras mulheres.

Além desse laboratório, que ocasionou uma série de publicações, nós queríamos ir além. Nós sabíamos que existia um problema na composição da sociedade brasileira, na mentalidade, que fazia com que as mulheres não se sentissem capazes. O mundo corporativo conseguiu medir isso muito bem. Dizia-se, e há estudos comprovando isso, [que] se há uma oferta de uma posição de diretoria em uma empresa e se exigem dez requisitos, se um homem consegue cumprir quatro ou cinco, ele já se apresenta para o cargo; se uma mulher não preenche os 10 requisitos, ela não se apresenta para o cargo. E daí nós começamos a pensar que talvez fosse o caso de que isso se reproduzisse na política também: que mulheres não se apresentassem pra concorrer a cargos eletivos porque não se sentiam capazes de fazer a discussão política. E aí criamos a oficina, que depois acabou se tornando o primeiro Curso de Iniciação à Formação Política para Mulheres, em dois mil e dezessete.

Depois, no ano seguinte, fizemos o segundo curso, já com oficinas, com uma maneira mais participativa de construção do conhecimento – onde nós éramos muito mais facilitadoras do que transmissoras de conhecimento. E, em dois mil e dezenove, algo que ainda hoje me arrepia, que foi que foi a Escola de Verão do Instituto. Mil seiscentas e quarenta e sete inscritas do Brasil todo, [e] cem selecionadas em uma pluralidade que era arrebatadora. Havia uma convivência daquelas mulheres, que possivelmente jamais se encontrariam nem trocariam uma palavra porque

a nossa sociedade nos é excludente. Nós não temos o futebolzinho democrático do sábado à tarde. Nós, mulheres, acabamos ocupando nosso tempo livre com outras ocupações, porque é assim que a sociedade espera que a gente aja.

Esse espaço criado pela escola de verão fez com que o Instituto mostrasse que, mais do que repassar conhecimento, o que ele queria era criar um espaço, uma teia, uma rede. E a rede foi criada. Mas nós também somos acadêmicas, então a gente queria fazer mais do que isso. E nós fizemos encontros de pesquisa. Tivemos o primeiro encontro de pesquisa em dois mil e dezessete, com trinta e cinco comunicados, e saiu o primeiro livro. No segundo encontro de pesquisa, foram mais de cento e vinte e seis comunicados e trinta e tantos artigos – e hoje vocês viram o lançamento dos dois volumes do segundo encontro de pesquisa. Mulheres falam de mulheres. Mas as mulheres também falam de medicina, também falam de reforma política, também falam de constitucionalismo, também falam de campanhas políticas, de jornalismo, falam de odontologia, falam de tudo. Não há mais motivo para que um painel acadêmico não tenha mulheres entre os seus palestrantes, porque nós temos hoje comprovado que há mulheres pesquisando tudo quanto é área. Este ano, vamos fazer o terceiro encontro de pesquisa. E aí, se vocês procurarem nos QR codes (estão super modernas essas meninas...), vão ver como a gente já está esperando vocês nos dias seis e sete de junho deste ano pra mostrar que há mulher, sim, pra falar de tudo.

O Instituto já é muito maior do que o grupo de pesquisa. Porque, como a gente tá farta do lirismo que não é libertação, a gente também tá farta do feminismo que não é libertação. Era preciso que o instituto se emancipasse. E ele rompe as colunas da Universidade, vai pra rua e vira autônomo. E faz isso aqui que vocês estão vendo agora. Agora não sou eu mais quem sonho. Eu sou sonhada. Eu sou trazida aqui como convidada pra falar pra vocês que o sonho está sendo realizado. Porém, o que eu

quero mesmo é que a minha filha, que aqui está, daqui uns dez anos olhe para trás e fale "mas por que era preciso fazer isso? Por que era preciso um oito de março? Por que era preciso um curso de iniciação à formação política para mulheres?". O meu sonho agora é que este sonho se torne incompreensível para as gerações futuras. Que o nosso lugar seja aonde a gente quiser e isso seja, assim, naturalizado. Afinal, política faz meu gênero.

Vou ter que terminar com a minha poeta favorita. É um poeta curitibana que não gosta de ser chamada de poetisa, porque poeta é uma palavra de mulher. Ela tem uma frase que me tocou e a partir daí eu comecei a pensar que talvez o que a gente precise seja isso. É se tocar que depende muito mais da nossa avaliação de nós mesmas para nós fazermos a diferença. Porque ninguém vai abrir a porta do parlamento pra a gente. É preciso que a gente saiba que a política, assim como está cheia de homens ordinários, também pode ser composta por mulheres ordinárias que vão se extraordinarizando no processo. E assim diz Alice Ruiz: "Era uma vez uma mulher que via um futuro grandioso para cada homem que a tocava. Um dia, ela se tocou". Muito obrigada.

II - A Resistência de Diva Guimarães

Diva Guimarães[3]: *Boa noite a todos. De que maneira eu resisto? Eu nasci numa família com a mania da resistência. Minha mãe nasceu em 1907. Foi alfabetizada durante três meses por uma professora que ela falava sempre – chamada Yolanda – em Jacarezinho, Paraná. Quando meu avô descobriu que ela sabia ler, deu uma surra em minha mãe e quase a matou. A cada vez que ela passava pela casa dessa professora – ela fazia entrega de leite nas portas – na volta, quando ela retornava com os litros vazios, a professora alfabetizava minha mãe e dizia para ela: "não conte para o seu pai". Uma hora as crianças falam. Falou! Minha mãe sabia ler e levou uma surra imensa porque o meu avô acreditava, naquela época, que uma mulher que aprendesse a ler era vagabunda. Eu não sabia. Descobri muito tarde que aquilo que a minha mãe fazia era resistência.*

Inclusive, quando as mulheres puderam votar, a minha mãe, que era lavadeira, mas também era parteira e atendia as pessoas pobres que trabalhavam nos sítios, indo a cavalo de carroça ou a pé – quem morou em cidades do interior sabe que existem parteiras dos ricos e parteiras dos pobres –, alertava as mulheres para que votassem. O resultado: na cidade de Bandeirantes, Paraná, minha mãe foi proibida de frequentar a igreja porque ela era considerada comunista. Minha mãe não podia frequentar a igreja, mesmo sendo daquela irmandade da fita vermelha... Acho que era o Sagrado Coração de Jesus ou qualquer coisa assim. Ela foi proibida de tudo isso.

---

3 Graduada em Educação Física, atuou como professora e alfabetizadora ao longo de sua vida – tendo, recentemente, completado uma graduação em Fisioterapia. Em 2017, Diva ganhou repercussão nacional ao falar sobre preconceito racial no Brasil durante a Feira Literária de Paraty (Flip), no Rio de Janeiro.

E então, quem nasce? Eu! Não pude ser batizada. Fui batizada com quatro anos e meio em outra cidade, porque a minha mãe não podia frequentar a igreja de Bandeirantes porque era comunista. Quando eu fui batizada – se eu não me engano foi em Andirá, uma cidade próxima – foi outro problema. Perguntaram para minha mãe: "Qual vai ser o nome dela?" e minha mãe disse: "Diva Guimarães". Guimarães era o nome da família do meu pai. Porém, disseram a ela que não poderia ser esse nome. Por que? Porque "Diva" não é nome de santa – e eu sou santa. Em resumo, minha mãe tinha que escolher um nome de santa. Então, por sorte, meu nome ficou Diva do Espírito Santo – e de Espírito Santo eu não tinha nada.

Depois disso, por conta da luta de minha mãe em prol de nossos estudos, eu fui para um colégio de freiras – não vou citar seu nome por tanto problema que já deu para minha cabeça. Eu fui para estudar. Era o que eles falaram para minha mãe. Mas, em vez de estudar e ser alfabetizada, fui, na verdade, para trabalhar – e eu tinha cinco anos. Eu trabalho desde os cinco anos. Devia ter me aposentado muito mais cedo. Saí do colégio porque minha tia, que trabalhava em uma casa de alguns padres ou bispos próxima ao colégio descobriu, por acaso, todas as coisas que eu sofri lá. Minha tia descobriu que eu havia levado uma surra muito grande. E, podendo entrar e sair das dependências, ela foi até lá, desceu pelo lado do entorno e me encontrou sendo lavada - a freira tava me dando um banho. Por conta de uma alergia a picadas de inseto que, naquele tempo, eu não sabia que tinha, eu estava cheia de feridas. Além disso, ela havia me batido muito pela manhã – não sei porquê. Minha camisola grudou no corpo e ela veio colocando uma bacia assim, uma pia batismal... Estava dessa maneira, quando essa minha tia chegou. Então, por conta disso, eu saí do colégio. Eu ia completar nove anos de idade.

Devido a isso, eu não sou uma pessoa religiosa. Demorei muito pra acreditar em Deus. Hoje, acredito do meu jeito, tá? Acho que eu tinha 45 anos – eu já vou fazer 80 – quando eu comecei a descobrir Deus do meu

jeito.

No mais, a infância – quero falar sobre isso porque depois eu quero entrar em outra pessoa – foi bem difícil. Muito sofrida na escola primária, depois no ginásio, apesar de minha mãe ser muito lutadora. Por isso que eu digo que a minha mãe fez política desde sempre. No 4º ano do primário, eu apanhei muito de uma diretora porque eu briguei com um aluno que sentava atrás da minha carteira e ficava o tempo todo me cutucando com a régua e me chamando de "negrinha fedida". Por quê eles falam que a gente é "fedida" eu não sei – afinal, tem brancos fedidos também. A professora e daquelas que – me desculpem os professores aqui presentes, eu não generalizo todos – não merecia ser chamada de professora. O luga em que ela menos parava era a sala de aula. Eu me cansei, virei para trás e acertei onde? Infelizmente, eu acertei no nariz dele. Começou a sangrar, as crianças da sala começaram a gritar. Então, a professora entrou: "O que foi isso?", e expliquei. Mas ela não acreditou em mim. Ela juntou as minhas coisas e disse: "Você vai para diretoria!". Ela me levou para lá e eu falei a verdade: "Eu fiz isso porque ele me xinga todo dia disso, disso e disso". O que ela fez? Olhou para mim e disse assim: "Mas você é uma negrinha fedida mesmo!" e me deu dois tapas no rosto com as costas da mão. Como eu sempre gostei do Lampião, acho que o espírito dele baixou e eu fui pra cima dela. Prestem atenção! Isso foi em 1951. Eu fui uma transgressora de lei. Isso não existia e eu nunca pensei em fazê-lo, mas foi tão violenta aquela atitude que eu voei pra cima dela – era o que eu podia fazer.

Escapei e fui correndo até minha casa. Eu morava quatro quilômetros da escola e encontrei minha mãe toda molhada lavando roupa. Cheguei em casa, ela falou: "O que você está fazendo aqui?! não devia estar na escola?", eu falei "aconteceu isso, isso e isso!". Ela me pegou pelo braço e disse: "a gente vai lá!". Ela saiu descalça, foi toda molhada e, chegando lá, disse: "O que você falou pra mãe, você vai falar na frente da

professora". Eu contei tudo de novo. Minha mãe perguntou para a professora: "A senhora bateu nela?". Ela não respondeu nada. Eu falei: "Bateu sim!". Minha mãe me pegou pela mão e me levou a um postinho de saúde que existia em Cornélio Procópio. Ao chegarmos lá, como minha mãe era conhecida como parteira, muito respeitada pelos médicos também, fomos bem recebidas: "Dona Anita, o que a senhora quer?". Ela falou "Quero que o senhor faça um exame na minha filha e quero um atestado médico pra provar que minha filha não é fedida e nem tem doença nenhuma". Ele escreveu. Minha mãe voltou comigo para a escola e então disse para a professora: "Tá aqui o atestado. Minha filha não tem doença nenhuma!". E a professora disse "Por que a senhora fez isso?". Minha mãe, que lavava a roupa de 10 famílias, respondeu: "A senhora sabe porquê! A senhora acha que eu ia lavar roupa para as outras pessoas e deixar minha filha vir suja pra escola?!". Disse para a diretora: "Eu não quero minha filha na sala desta professora. Quero que mude para a professora Raquel". Ela retrucou: "Não. Não posso fazer isso". Então, minha mãe falou: "A senhora vai fazer. Porque, se eu tiver que falar com o Presidente da República, eu vou! A senhora vai fazer!". No outro dia, eu estava, felizmente, com a outra professora. Virei uma super aluna.

Me enchi de brigar porque eu nunca briguei dentro da escola. As brigas aconteciam na saída. Você chegava e falava para pessoa "Lá na saída eu vou te pegar!". E lá na saída eu ia. Todas as crianças que apanhavam me diziam: "Diva, fulano me bateu!", "Diva, ..." e eu era a justiceira. Então eu ia lá e moía, né?! Mas, deixem eu contar para vocês por quê eu me inspirei no Lampião e gosto dele até hoje. Eu li um livro sobre ele com 10 anos, escondida. Quem me ensinou a ler e a gostar de leitura foi a mãe da Maria Alice. Eu li o livro escondido: "A vida do Lampião". E a vida do Lampião eu queria. Fiquei planejando fugir da minha cidadezinha para fazer parte do bando do Lampião – ele morreu no ano em que eu nasci. Eu não via o Lampião hoje, entende? Não percebia

isso. Para mim ele era uma figura. Eu não queria ser a Maria Bonita, não. Eu queria ser Lamparina! Não consegui fugir porque eu não sabia nem que morava no Norte do Paraná, como que eu ia saber onde encontrá-lo, não é? Mas eu sonhei – e o sonho é válido, não é?

Continuei estudando. Foi bastante difícil. Fui atleta. Foi bastante difícil, mas me fiz respeitada por causa do esporte. Não é fácil a gente falar que a gente é boa no que faz, mas eu não tenho vergonha nenhuma de falar que eu era boa no basquete. Foi por medo que me respeitaram. Se o professor mandasse: "Treinem 10 arremessos", eu ficava arremessando 50, 60, 70. Quantos me madassem, na loucura, eu fazia. Por que? Quando eu saía para jogar com o estádio lotado, eu ouvia da assistência: "neguinha fedida", "nega suja" e outros apelidos que eu não vou dividir aqui porque era muito feio e muito triste. Então, eu pensei: "Como que eles vão me respeitar? Só tem um jeito. Eu ser boa". Assim, no primeiro tempo eu era muito desrespeitada e, no segundo tempo, como eu era boa mesmo, terminava em aplauso. Podia ser até fingido, mas terminava em aplauso. Tem um gesto que eu sempre fiz – porque eu provocava também. Eu me virava para a assistência e socava, assim, para cima. Depois eu soube que o Pelé fazia isso também. Eu nem sabia o significado, mas era uma raiva muito grande. E, para mim, a maneira de me vingar das pessoas era acertar.

Eu tive cinco professoras maravilhosas na minha vida. Para quem fez Ginásio, Segundo Grau, Faculdade e hoje faz outra faculdade, ter só cinco professores como referência... Eu acho muito pouco. Mas, graças a essas professoras e a minha mãe, que eu cheguei onde estou. Então, eu quero falar para as professoras e professores sobre a grande importância que eles têm na vida das pessoas.

Como há dualidade em todas as coisas, tem gente que me xinga aqui em Curitiba por causa da minha fala, mas eu tô nem aí. Porque eu tive a oportunidade para falar. Pode ser besteira, mas eu tive a

oportunidade para falar com 78 anos. Eu não vou perder essa chance nunca! Por que eu não vou perder essa chance? Porque é a lei da vida. Eu já vou fazer oitentinha. Então, não sei quanto tempo que eu vou durar. Posso usar bengala, mas quero que a cabeça funcione. Eu não vou perder essa chance. E sabe por que? Porque a população pobre, a população negra, sofre desgraçadamente na mão, me desculpem vocês, da tal da raça pura. O que é isso: raça pura? Eu não sei. Até agora, eu não consegui descobrir o que é raça pura. A gente aprende que são as pessoas brancas e eu não ligo para esse papo. Eu só queria entender do porque da raça pura, entende?! Eu vou morrer sem entender, com certeza.

Eu quero dizer que professor pode ser Deus e pode ser o Diabo. Quando digo que o professor é Deus, e não no sentido desse Deus que esse povo acredita para eleger essa porcaria, eu falo de Deus na força mais pura, mais suprema, mais respeitada. Quando o professor é o Diabo – eu provavelmente irei encontrá-lo, não pelo que falo, mas pela raiva que tenho, ele destrói. O professor... Com uma palavra ele te levanta e com uma palavra ele acaba com a tua existência. Porque a palavra mal dita, mal falada, te machuca na alma. Ela cria cicatriz na tua alma e cicatriz na alma não tem cura. Quando eu vejo essa criançada na rua, eu fico pensando: "Meu Deus! Será que eles tiveram alguma palavra de acolhimento?". Por ter sido acolhida por essas cinco maravilhosas professoras durante minha vida e pela paciência que eu sempre tive quando criança - e tenho até hoje, eu não tinha coragem de fazer maldade nenhuma. Eu não era santinha! Tinha umas ideias tenebrosas, mas não tinha coragem de fazer nada quando eu pensava na minha mãe e pensava nessas professoras que me acolheram. Elas representaram uma mudança radical em minha vida.

Parece bobagem, mas quem passou por isso sabe o quanto é doloroso. Eu gostaria que os professores pensassem muito bem antes de chamar... Porque eu passei por isso enquanto aluna e convivi

profissionalmente com professores que faziam isso: "Eu sei da onde você veio", "Negro é preguiçoso", "Negro não aprende", "É preguiça! Não quer estudar!". Não é assim. Antes de adjetivar o aluno, procure saber porque ele não está aprendendo. Qualquer pessoa que pode responder. Com certeza absoluta, aquele que tem coração e que respeita o ser humano sabe que os pobres não têm o que comer.

Eu dei aula em uma escola de favela, embora eu tenha sido muito bem classificada no concurso. Eu preciso falar isso porque o povo não acredita que o negro sabe das coisas e que também é capaz. Eu passei em segundo lugar no concurso. Eu trabalhava no Colégio Estadual, na Secretaria de Educação Física e escolhi um colégio que, na época, era considerado o pior colégio de Curitiba. Ficava numa favela chamada "Valentão". Então a presidente da mesa – que, por sinal, era minha diretora no outro colégio que eu trabalhava - me disse: "Minha filha, eu não vou... Eu espero... Pense melhor. Por que você quer ir lá?". Eu falei: "Porque eu quero ir dar aula para os iguais. Quero mostrar para as crianças que a gente pode, independente de cor, de ter dinheiro ou não ter. A gente pode.".

Eu fui meio general no colégio com as crianças, sabe?! Eu exigia tanto deles. Para as crianças da equipe, eu dizia: "Se você tirar nota baixa, você não fica na equipe. Porque, se você é capaz de fazer um drible nuns segundos, num espaço curto de tempo, é porque você é capaz! É porque você é inteligente. Não me venha com essa história de "Ai Professora! É porque eu sou negro...", eu também sou! "Porque eu sou pobre...", eu também sou e estou aqui dando aula para vocês hoje, não é? Então não é isso. Se querem ser respeitados, sejam melhores do que eles. Vão correr atrás de você. Seja melhor. Só isso. Estude mais. Acredite em você. Estude para saber, inclusive, o que estão fazendo com você". Aí me chamavam de subversiva na escola.

Estou passando por isso rapidamente – caso contrário, vamos ficar

aqui uma noite inteira e já passaram os meus minutos. Mas eu não posso sair daqui sem falar das cotas. Se tem algum aluno cotista aqui, não tenham vergonha de ser cotista. Porque cotas sempre existiram em nosso país. A maioria não sabe disso e eu fui descobrindo aos poucos. Por exemplo, em 1837, saiu uma lei no Brasil que impedia o negro de frequentar escolas. Essa lei perdurou em alguns Estados até 1950! Podem pesquisar, pois eu falo porque pesquiso. Em 1850, veio a Lei de Terras – onde negro não podia ter posse de terra... Agora eu falo das contas. Uma coisa que quase nunca ninguém pensou, como eu não pensava. Eu ouvia isso e não concordava, mas nunca levei para o lado das cotas. Filhos e filhas de militares, casados ou não, recebem dinheiro até hoje dos militares. Os pobres que perderam seus pais – os assalariados – recebem algo? Não! Então, é cota, não é!? Eu nunca havia pensando nisso, mas e o colégio militar que tem cota para filhos de militares. É cota!? Depois, é a cota do boi, de 1968, para os filhos de donos de fazendas e terras, cotas para entrar em Escolas Técnicas e Universidades. É cota!? Não posso falar sobre tudo porque já estou esgotando o tempo. Quatrocentos anos de chibatadas que nós continuamos levando até hoje. Só mudou o negócio das chibatadas... mudou a chibata pelo cassetete e bala para matar. E dizem que negro é invisível. Agora, se a gente é invisível, como é que a polícia te enxerga a noite para te matar por nada – porque você é suspeito desde que nasceu!?

A gente já nasce sendo suspeito. Tudo o que acontece é o negro quem faz. Eu ouvi de uma professora, colega de trabalho do mesmo colégio, quando eu defendi uma aluna: "Votei em você e me arrependo! Porque negro quando não suja na entrada suja na saída". Ela não falou "suja", sabe? A palavra é comum entre os brasileiros. E meu negócio não é ser professora para defender ou para passar a mão, mas defender de injustiça. Por isso que eu era justiceira desde criança. Eu trabalhei minha vida inteira nessa desgraça dessa ditadura e pensei que já tinha ganhado, não é?! Eu não queria viver até agora para ver isso. Eu queria ter uma

saída desse plano. Vendo todas as realizações, os sonhos que eu tive como professora... eu queria que essas [crianças] tivessem um mundo melhor, um Brasil melhor. Olha, como professora, como negra, foi muito difícil para mim e é muito difícil ver que a educação ... eu espero que não passe essa desgraça de proposta da criança estudar em casa. Criança de pobre não vai estudar em lugar nenhum, gente! Vocês acham que nas casas deles, desse pessoal que recebe um salário mínimo, vai ter computador, vai ter sei lá o quê?! Eu não acredito em educação à distância.

Para encerrar – eu gostaria de falar muito mais, mas o tempo é curto, eu quero dizer para vocês que eu não perco a esperança na educação. Porque o racismo e o preconceito matam, mas quem tem uma oportunidade de ter professoras assim como as amadas, adoradas, idolatradas professoras que eu tive, se salva pela e-du-ca-ção. Muito obrigada.

III – A Resistência de Manuela D'Ávilla

Manuela D'Ávilla[4]**:***Boa noite, gente!*

Plateia: B*oa noite!*

Manuela D'Ávilla: *Viva dona Diva, não é?!*

Plateia: *Viva!*

Manuela D'Ávilla: *Viva! Viva Marielle!*

Plateia: *Viva! Presente!*

Manuela D'Ávilla: *Vivam as mulheres que lutam e que lutaram para que nós estivéssemos aqui nessa noite.*

Plateia: *Viva!*

Manuela D'Ávilla: *Eu perguntei para dona Diva se ela era chorona e ela me disse que tinha começado a chorar agora. Eu falei para ela que eu também. Eu estou meio dura, assim, porque estou segurando o choro. Estou com medo de começar, porque quando eu começo, eu tenho um problema, dona Diva, de descompasso. E eu não consigo voltar ao lugar em que estava falando.*

4 Formada em Jornalismo, Manuela D'Ávilla é filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Foi candidata à Vice-Presidência da República no ano de 2018, duas vezes candidata à prefeitura de Porto Alegre (2008 e 2012) e, em 2014, foi a deputada estadual mais votada em todo aquele processo eleitoral.

Eu quero, primeiro, agradecer muito o convite de vocês. Quero dizer que, para mim, é um privilégio muito grande fazer o que eu faço e chegar a lugares como esse, com tantas mulheres extraordinárias que se organizam e organizam outras mulheres, criam círculos de debate, de reflexão, de aglutinação, de luta e de resistência. Fico profundamente feliz. Eu estou triste por não conseguir ver o rostinho de vocês, porque não tem nada de luz na plateia. Podia ter um pouco, não é? Porque é animador ver! Chegar em um auditório tão grande e ver que mais de 90% das presentes são mulheres. Mulheres muito mais novas do que eu, que ainda sou bastante nova, sobretudo comparada com a dona Diva – tenho quase metade do tempo dela. A dona Diva certamente compreende que, quando eu digo que é muito bom ver mulheres muito mais novas do que eu, isso significa que nós teremos muito tempo pela frente. Então, eu quero agradecer muito a vocês. Agradecer às professoras, à Desirée, à Luciana, à todas as meninas que organizaram esse evento, que batalharam muito. Este é o primeiro evento de minha agenda em 2019, marcado quase na metade de 2018, porque a organização foi muito grande, muito intensa. Então, muito obrigada e parabéns.

Às vezes parece que eu estou brincando no celular, mas eu estava procurando um poema. Essa pergunta "Como a gente resiste?", "Como eu resisto", me lembra daquela frase que a Marielle usava, que eu gosto muito: "Eu sou porque nós somos". Eu resisto porque vocês resistem e nós resistimos juntas. Quando cheguei para autografar os livros e vi que talvez 95% dos presentes sejam mulheres, eu lembrei de um poema da Gioconda Belli, que é uma autora da Nicarágua – para quem não conhece, busque a obra da Gioconda. Ela é uma mulher feminista há muito tempo. Uma mulher que lutou na Revolução Sandinista há muito tempo, que foi vice de comunicações daquele país há muito tempo, que é uma poeta e escritora

extraordinária. Para quem não conhece, leia primeiro A Mulher Habitada[5]*. A Gioconda tem um poema que se chama Conselhos para a Mulher Forte. E acredito que ele tem relação com a resposta mais verdadeira e profunda que eu posso dar para essa pergunta a respeito de como eu resisto e sobre como eu acredito que nós resistimos.*

***Conselhos para a mulher forte**:*

"Se és uma mulher forte
te protejas das hordas que desejarão
almoçar teu coração.
Elas usam todos os disfarces dos carnavais da terra:
se vestem como culpas, como oportunidades, como preços que se precisa pagar.
Te cutucam a alma; metem o aço de seus olhares ou de seus prantos
até o mais profundo do magma de tua essência
não para alumbrar-se com teu fogo
senão para apagar a paixão
a erudição de tuas fantasias.

Se és uma mulher forte
tens que saber que o ar que te nutre
carrega também parasitas, varejeiras,
miúdos insetos que buscarão se alojar em teu sangue
e se nutrir do quanto é sólido e grande em ti.

Não percas a compaixão, mas teme tudo que te conduz
a negar-te a palavra, a esconder quem és,
tudo que te obrigue a abrandar-se
e te prometa um reino terrestre em troca

5 Novela publicada originalmente em 1988.

de um sorriso complacente.

Se és uma mulher forte
prepara-te para a batalha:
aprende a estar sozinha
a dormir na mais absoluta escuridão sem medo
que ninguém te lance cordas quando rugir a tormenta
a nadar contra a corrente.

Treine-se nos ofícios da reflexão e do intelecto.
Lê, faz o amor a ti mesma, constrói teu castelo
o rodeia de fossos profundos
mas lhe faça amplas portas e janelas.

É fundamental que cultives enormes amizades
que os que te rodeiam e queiram saibam o que és
que te faças um círculo de fogueiras e acendas no centro de tua habitação
uma estufa sempre ardente de onde se mantenha o fervor de teus sonhos.

Se és uma mulher forte
se proteja com palavras e árvores
e invoca a memória de mulheres antigas.

Saberás que és um campo magnético
até onde viajarão uivando os pregos enferrujados
e o óxido mortal de todos os naufrágios.
Ampara, mas te ampara primeiro.
Guarda as distâncias.
Te constrói. Te cuida.
Entesoura teu poder.

O defenda.

O faça por você.

Te peço em nome de todas nós"

Eu acredito que resistir e refletir sobre resistência de gênero é permitir e lutar para que nós continuemos existindo. Quando nós pensamos sobre o que é ser mulher no Brasil - e não apenas no que é ser uma mulher como eu, privilegiada, branca, [mas] também uma mulher como eu. Quando nós pensamos no que é ser, por exemplo, uma mulher negra, como a dona Diva falou. A metade das mulheres que não conseguem emprego depois que têm seus filhos – a tão endeusada maternidade, as mulheres que são vítimas, durante toda a sua vida, de violência sexual e que não têm sequer uma estrutura familiar, afetiva ou do Estado que as acolha. As mulheres que enterram os milhares de jovens que são executados no Brasil: os 62 mil jovens, homens, negros que são executados, muitas vezes, por outros jovens também negros – esses fardados, em um conflito onde quem morre é apenas o povo. Onde quem morre é apenas o pobre. As mulheres que lacram os caixões com esses filhos dentro e que ficam combatendo narrativas, afirmando que seus filhos, às vezes com nove, 10 anos, às vezes dentro da escola, como aconteceu recentemente, não eram envolvidos com o tráfico. Combatem as fotos, que percorrem velozmente a internet, deles com fuzis – que não são verdadeiras. Todos esses. São 14 milhões de desempregados no Brasil que resistem porque existem. Ou seja, a nossa luta por continuar existindo, para continuar vivendo, para sobreviver... desses jovens, dessas mulheres, dessas mães, dessas mulheres negras, é a própria luta, é a própria resistência. A resistência no Brasil é marcada por isso: por aqueles que têm o direito de viver e os que não têm o direito de viver. Por aqueles que têm o direito de viver com dignidade e aqueles a quem não é permitido viver com dignidade.

A impressão que eu tenho é que, assim como alguns intelectuais dizem que nós chegamos ao fim da era do humanismo – e com isso, estariam ultrapassadas ou arruinadas todas as instituições que construímos depois da Revolução Francesa, com a imprensa, o parlamento, os partidos etc., também se dissolve numa velocidade muito maior o sentimento de partilha historicamente construído. É uma ideia que nunca existiu para todos, porque sempre existiram classes e raças. [E] então sempre existiram aqueles subjugados. Seria uma espécie de fim definitivo da ideia de que o outro merece o mesmo tratamento, o mesmo olhar, os mesmos direitos que eu mereço. Nós vivemos esse tempo no Brasil. Esse é o tempo que nós vivemos no Brasil e no mundo. Nós vivemos uma crise prolongada. Uma crise na qual o sistema que se parece buscar, se reorganizar, se reconstruir – a partir da retomada da economia das nações desenvolvidas – é aquele que acaba fazendo com que outras nações voltem a imperar como colônias. Isso é o que eu acredito que nós estamos vivendo no mundo: uma espécie de neo-colonialismo.

Nessa nova etapa desse mundo em crise intense, intensa porque colapsa a economia, intensa porque é uma sociedade de um consumo infinito, intensa porque é ambientalmente insustentável garantir esse padrão de consumo para os que já consomem sem colocar em risco a sobrevivência do planeta. O sistema está colapsado porque as novas tecnologias desempregam. E, se elas desempregam, cada vez menos pessoas têm dinheiro pra consumir – muito embora essas tecnologias devessem garantir que nós trabalhássemos menos e vivêssemos mais. Afinal de contas, como diz o Mujica: "a única coisa não se pode comprar é o tempo da nossa vida que gastamos para comprar". Esse sistema colapsado se realinha. E parece que grande parte do povo do nosso país se resignou a ver esse realinhamento das nações, ser tratado pelas suas próprias autoridades e pelas autoridades dos outros países – que têm seus próprios interesses e é legítimo que assim façam – como novas colônias.

Esse capitalismo, na minha interpretação, tem que... Que loucura! Vim para falar de resistência e estou aqui falando de capitalismo. Eu não tinha escrito essa fala. Dona Diva está me despertando vontades profundas hoje.

Eu tinha planejado falar de outras coisas. Mas, o fenômeno do qual falo também se caracteriza por uma busca incessante – e isso é o que vemos agora – do descarte em massa de conjuntos de pessoas. Quem foi, historicamente, descartado em massa no Brasil? Os negros. Descarte em massa dos negros, dos jovens negros do Brasil. Dos homens negros, sobretudo. Quem serão agora os descartados em massa, para além daqueles que já passaram por isso em outros períodos, mas que, não esqueçamos, conseguiram, por sua luta, o protagonismo pra um conjunto de políticas públicas? As mulheres, os trabalhadores, os mais precarizados. Aqueles que ficarão sem previdência, porque não lhes resta alternativa.

Nós vivemos em um tempo de crise, de novas colônias e de descarte em massa. Eu acredito que não é por acaso que o Oito de Março tenha sido uma data de grande movimentação no Brasil e no mundo inteiro. Eu acredito em Deus, mas não acredito que as causalidades da vida podem ser atribuídas a ele enquanto vivermos em um mundo colapsado, onde os primeiros a serem punidos são, na verdade, as primeiras: as mulheres. Nós vivemos, desde 2008, uma crise gigantesca, um mundo colapsado, a busca dessas nações desenvolvidas por conta de novos caminhos e as chamadas saídas de austeridade. Na Europa, usa-se muito esse termo. Essas saídas dizem que o problema da crise é o tamanho do Estado. O Estado é muito grande. Vivendo nesse tempo, não é por acaso que, justamente agora, surja, com tanta força, um novo feminismo que é marcado, sobretudo, pelo volume. Vocês que estão aqui. Vocês são o novo. Eu tenho 37 anos e faço política há 20 anos – desde meus 17. Eu sou deputada desde 2004. Tive mandato desde 2005. Fui Deputada Federal com 25 anos – com meio milhão de votos. Não existia uma voz que se levantasse junto comigo para

questionar o título de "Musa do Congresso" que a mim era atribuído. Eu era a "fresca" que não queria ouvir que era bonita, mesmo que a minha origem tenha sido o movimento estudantil. Isso jamais aconteceria de novo nos últimos 14 anos. Ou seja, não é por acaso o aumento do volume de mulheres com consciência e se mobilizando. Afinal as movimentações que constroem esse mundo em crise estão ligadas, sobretudo, a nós.

Eu fiquei muito feliz em ver que, na plateia, têm mulheres com criança, viu? Até mesmo com o chorinho deles. Pode deixar chorando. Uma das pequenas vitórias da minha vida é que nós nos sintamos à vontade com eles. Afinal de contas, a gente existe.

70% das crianças não têm creche. Mulheres que, portanto, não terão como trabalhar. Como trabalharão? Com quem deixarão essas crianças? Este país congelar, por 20 anos, seu investimento em saúde e educação... Será que todos são punidos da mesma forma? As saídas que são construídas para a crise diminuem a atividade do Estado. Quem são as que mais utilizam os serviços públicos? Quem fica no posto de saúde esperando a ficha para o pai, para o filho, para o irmão, para a sogra, para quem quer que seja? São as trabalhadoras. Nós não podemos simplesmente fazer de conta que esse feminismo – que é novo em causas, mas é novo, sobretudo, na sua intensidade – caiu do céu. Ele não caiu do céu. Ele é fruto de um Estado que é cada vez menor, menos eficiente e que, portanto, torna as mulheres cada vez mais presas. O nosso nível de emancipação se dá pela nossa consciência, mas não se dá apenas pela nossa vontade subjetiva. Se dá pelas condições materiais através das quais nós podemos nos emanciparmos ou não.

É óbvio que eu posso ser candidata a vice-presidência com uma filha – uma das coisas que eu aprendi foi não deixar de lado nenhum dos meus méritos. Óbvio que é difícil. Tem que aguentar um monte de coisa, tem um monte de cara feia... um monte de político que nunca trocou uma fralda e vem dar opinião sobre minha filha. Mas é óbvio que eu só consigo

fazer isso porque tenho um marido que divide responsabilidades comigo. Nós somos um país com 14 milhões de crianças criadas por mãe solteiras; 6 milhões de crianças não têm o registro do pai em suas certidões de nascimento; mais de 50% dos homens não paga pensão alimentícia. Assim, é óbvio que dependemos da consciência e da tomada de decisão subjetiva, mas a condição material permite a nossa emancipação de um jeito ou de outro.

Por que as mulheres levantam-se? Levantam-se porque são as mais desempregadas. Levantam-se porque sabem que sempre que o sistema colapsa ele precisa se estruturar a partir de radicalismo e de opressões contra nós. Não é loucura nos perguntarmos: por que será que tudo isso está acontecendo agora? Mulher governada pelo Estado; mulher que é assediada; imagens de meninas de quatro, três, dois, um ano, dois meses, quatro meses; a idosa que foi estuprada pelo genro. Qual é a sensualidade de sexualidade que tinha uma idosa acamada ou de uma menina de dois meses para provocar isso? Por que tudo isso surge agora? Isso surge porque, desde sempre, quando o sistema colapsa e entra-se em crise, nós somos as mais atingidas. É por isso que, para mim, resistir é saber que, em primeiro lugar, não existe caminho para desenvolver o Brasil sem enfrentar a desigualdade. É saber, também, que as desigualdades do nosso país não se materializam igualmente para todos – nem mesmo entre todos os trabalhadores e trabalhadoras. E olha, dona Diva, que, no meu caso, não é mentira: eu sou comunista. Não é como os boatos sobre a sua mãe. No meu caso, é verdade!

Diva Guimarães: *Com a minha mãe era verdade também! Ela era comunista sim! Eu tenho um documento em casa, penso até em doá-lo para algum instituto histórico. Mas não sei se, aqui no Paraná, eles irão se interessar. Afinal, é coisa de negro. Eu tenho um documento da minha mãe que se chama Salvo Conduto. Em 1944, ela veio à Curitiba*

acompanhando uma senhora que sofria com uma doença mental. Chegado o momento de assinar o documento, minha mãe, que tinha muito orgulho de saber ler e, por isso, queria assinar, foi impedida pelo delegado: "Não. A senhora não pode assinar porque, se a senhora sabe ler, a senhora pode ser confundida com espiã!". Então, minha mãe era comunista e espiã!

Manuela D'Ávilla: *Eu já gostava bastante dela, de sua história com ela, sem saber que ela era comunista. Mas, agora, gostei um pouquinho mais!*

Eu dizia que, mesmo eu sendo comunista – portanto, a questão de classe é central para mim. Entendo que, se apenas isso construísse a desigualdade no Brasil, não haveria uma explicação racional para a desigualdade de salários entre trabalhadores brancos, negros e negras; entre homens e mulheres trabalhadoras que ocupam o mesmo posto de trabalho. Se a questão fosse apenas a classe, os dois tinham ganhariam igualmente. Por que a mulher negra recebe 57% do salário de um homem branco? Porque não é só a partir da questão de classe que a desigualdade é estruturada no Brasil. Ela também é estruturada regionalmente. Nós, do Sul, sabemos, não é a troco de nada que também aqui residem os setores conservadores mais mecanizados.

Para mim, portanto, resistir é construir um projeto de país onde nós sonhamos juntos das mulheres, das mulheres negras, dos homens negros, do povo brasileiro. Porque não existe país sem povo. Às vezes, dizem: "No Brasil, a gente ama o Brasil, e odeia o povo". Desculpe, amigo. Isso não é o Brasil. Isso é uma abstração jurídica, um nome. O Brasil existe a partir do povo, da sua formação histórica, das pessoas que o construíram. Quem construiu fomos nós, mulheres, mulheres negras, homens negros, povo trabalhador brasileiro. Construir esse caminho não será fácil no próximo período. Mas, se nós não percebermos que o caminho é esse, em minha opinião, ficará muito mais difícil.

Eu, como vários de vocês, às vezes fico pensando no que nós

teremos que resistir. Cada um de nós encontra um caminho. Todos eles são legítimos. O exílio, onde vivem, hoje, o Jean Wyllys, a Márcia Tiburi, o Anderson França; a luta dos partidos; a luta dos movimentos sociais. Eu descobri que o meu caminho de conseguir manter minha saúde mental – eu dou muita atenção a ela – e seguir lutando pelo Brasil seria viajando e conversando com vocês sobre política, sobre desenvolvimento e sobre amor.

O Brasil parece uma novela, onde aguardamos as cenas do próximo capítulo. Não há estabilidade nenhuma. O que me apavora é, frente à ausência de estabilidade, de capacidade de aglutinação de uma base, um programa de governo onde o que se faz é levantar o tom e radicalizar o discurso – e a radicalidade desse discurso tem muito eco nas ruas. Nós somos um país em que uma parlamentar negra foi executada há um ano. Até hoje, não temos resposta e tudo corre naturalmente. Nós somos um país que temos, infelizmente, o ex-presidente Lula preso e tudo corre naturalmente. Às vezes me perguntam: "O que falta acontecer?". Eu respondo: O que não falta acontecer?! Já aconteceu tudo. Está acontecendo tudo. Temos o morto, temos um cadáver, temos um preso político, temos exilados...

Por isso eu lanço o livro da Laura[6]*. Porque, primeiramente, a dona Diva tem razão: se toda criança tiver o olhar de alguém que a sustente, alguém que, como diria Lacan, a projete, que a ensine que o mundo é seu e que esse mundo pode ser muito melhor; se essas crianças todas forem abraçadas e amadas por nós, o Brasil, enquanto país, será outro. Porque a criança não tem os ódios, não tem os preconceitos, não é racista. Ninguém nasce racista, como dizia o Mandela. Em segundo lugar – e eu quero dizer isso para vocês todos porque todos nós sofremos violência, de um jeito ou de outro, quando andamos com as nossas camisetas, quando usamos*

---

6 *Revolução Laura: Reflexões sobre maternidade e resistência*, publicado em 2019 pela Editora Belas Letras.

adesivos, quando nos manifestamos, quando falamos mais baixo porque não sabemos quem está do lado do banco, quando temos medo – o Nietzsche dizia que, quando olhamos para abismo, temos que tomar cuidado para que o abismo não nos olhe de volta. Quando lembro nas inúmeras ameças de morte e outras ameças que recebo todos os dias, eu penso que não posso me tornar igual a eles.

Em primeiro lugar, eu preciso continuar acreditando no Brasil. Eles não acreditam. A esperança deles é fake. Em segundo lugar, nós precisamos continuar acreditando no coletivo, na luta coletiva, em ser um onde os outros são. E, em terceiro lugar – me arrisco a perder a conta segurando o choro, quanto mais ódio e violência eles praticarem, mas nós teremos que devolver uns aos outros aquilo que nos torna diferentes enquanto espécie, ainda que eu já não saiba mais o quão diferentes nós somos enquanto espécie, que é o amor, a empatia, a solidariedade e essa onda imensa de sororidade que vocês, mulheres de todas as gerações que se encontram vivas neste momento da história, têm plantado.

Nós, que somos do Sul, sabemos que o inverno vem. E, ao que parece, ele chegou com uma intensidade bastante forte no Brasil. Mas, sendo do Sul, nós também sabemos que, invariavelmente, depois do inverno chega a primavera. Que ela seja nossa, feminista, classista, emancipadora. Que defenda a verdadeira liberdade e a verdadeira dignidade para todas as mulheres e homens de nosso país e no mundo. Obrigada.